



EVOLUÇÃO TÁTICA E ESTRATÉGIAS DE JOGO

Carlos Alberto Parreira

Organizado por:
Carlos Eduardo Faria



*Confederação Brasileira de Futebol
Rua Victor Civita, 66 Bloco 1 - Edifício 5 - 5º andar
CEP 22.775-040 - Rio de Janeiro - RJ
Fone: 21.3535.9676
Internet: www.cbfnews.com.br*

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada a fonte.

*Organização: Carlos Eduardo Faria
Revisão de texto: CSP Marketing
Projeto Gráfico / Editoração Eletrônica: CSP Marketing
Ilustrações: Jayme Batista Ayres
Edição e Distribuição: Escola Brasileira de Futebol*

Impresso no Brasil – Printed in Brazil

*Vxxx Parreira, Carlos Alberto.
Evolução Tática e Estratégias de Jogo / Carlos Alberto
Parreira. – Brasília: Ed. EBF, 2005.
ISBN XX-XXX-XXX-X*

Apresentação

O futebol brasileiro é reconhecido, em todo mundo, como o melhor dentro de campo. É com satisfação que iniciamos as atividades da Escola Brasileira de Futebol, que tem como principais objetivos modernizar, profissionalizar e capacitar técnica e administrativamente a modalidade no Brasil, além de mostrar aos demais países o grande trabalho que é feito na formação de tantos craques a cada ano.

A EBF foi criada a partir de uma parceria entre a CBF e a FIFA, através do Programa Goal, que atua em mais de 180 países. Na maioria deles, os recursos destinados pela entidade foram utilizados para construção de sedes, centros de treinamento e campos. O Brasil resolveu investir em conhecimento, o que será um passo decisivo para a consolidação e continuidade de nosso futebol pentacampeão mundial.

Os produtos e serviços da EBF são destinados a todas as empresas, instituições, organizações e profissionais, atuais e futuros, interessados no universo do futebol, bem como para a comunidade esportiva, acadêmica e sociedade em geral.

Para chegarmos a todos os cantos de nosso imenso país e atender aos princípios de acessibilidade e padronização de conhecimentos de

qualidade, a EBF oferecerá cursos virtuais, com caráter interativo, através da utilização do estado da arte em tecnologia do ensino à distância.

Além disso, teremos também, como grandes parceiros regionais, as federações de futebol de cada Estado, que serão as células-mater de desenvolvimento integradas à EBF.

A sede física da EBF está localizada na Granja Comary, centro de treinamento da seleção brasileira, na cidade de Teresópolis, Rio de Janeiro. As instalações compõem-se de um auditório multiuso, biblioteca virtual, salas de reunião e apoio.

Para conhecer mais sobre a EBF e participar de nossa rede, acompanhe sempre as atualizações de nosso portal, www.ebfnet.com.br, onde você encontra notícias atualizadas sobre novas tecnologias, pesquisas e publicações ligadas ao futebol.

Seja bem-vindo à EBF!

*Marco Antônio Teixeira
Coordenador Executivo EBF*

Prefácio

A Escola Brasileira de Futebol – EBF – não poderia ter feito melhor escolha para a primeira do ciclo de cursos que vai promover. O tetracampeão do mundo Carlos Alberto Parreira, um treinador reconhecido no cenário internacional, certamente vai abrilhantar o projeto inovador da EBF, de possibilitar a muitos brasileiros, através do formato on-line, o acesso a informações sobre o esporte.

Além da comprovada competência, Parreira é um profissional estudioso, com a preocupação constante de manter-se atualizado. Desde o final dos anos 60, quando ainda era preparador físico, ele sentiu a necessidade de acompanhar a evolução de métodos de treinamento, o que fez através do intercâmbio de informações e estágios em países da Europa, para pôr em prática na campanha vitoriosa do tricampeonato mundial do Brasil.

A iniciativa, pioneira na época, rendeu a Parreira um lastro de conhecimento do qual soube tirar proveito para seguir bem-sucedido na carreira. Ele enxergou bem antes que o futebol brasileiro, para continuar imbatível dentro de campo, tinha de estar em sintonia com o que acontecia no resto do mundo.

O gosto pela pesquisa e pela leitura de tudo de novo que acontece no universo do futebol, fez de Parreira o treinador que conseguiu aliar à parte prática a dose certa de conhecimentos teóricos que constituem o binômio ideal para ser vencedor no futebol.

Dessa forma, por tudo o que constitui o currículo do treinador da Seleção Brasileira pentacampeã do mundo, Carlos Alberto Parreira é a pessoa indicada para falar de “Futebol – Estratégias de Jogo e Evolução Tática”, o primeiro curso promovido pela Escola Brasileira de Futebol em sua parceria com o Projeto Goal da FIFA.

*Ricardo Teixeira
Presidente da CBF*



Sumário

<i>Cem Anos de Tática.....</i>	<i>09</i>
<i>História do Futebol.....</i>	<i>17</i>
<i>Sistemas e Evolução.....</i>	<i>33</i>
<i>Estratégias e Princípios Básicos do Jogo...43</i>	
<i>Futebol Atual.....</i>	<i>61</i>
<i>Conclusão.....</i>	<i>65</i>
<i>Bibliografia.....</i>	<i>67</i>





Cem Anos de Tática

Texto extraído do livro Joies du Football de Jean-Philippe Rethacker

Antes de se tornar uma ciência – nunca exata, Deus seja louvado! – o futebol foi um jogo instintivo no qual os participantes se deixavam atrair pela bola como as moscas pelo açúcar. Vejam um pátio de alguma escola. Lance uma bola. Vocês verão que todos os garotos se atirarão sobre o objeto redondo com a mesma ferocidade de um canino caindo sobre sua presa. Organizem agora uma partida de futebol. Sem nenhum método, os vinte e dois atores que escolheram só terão uma única idéia na cabeça: conduzir a bola no campo e na meta adversários.

Esse futebol da era pré-histórica e nascente, à imagem desse recreio de crianças, foi um jogo anárquico e sem método, onde a soma das individualidades ainda não chegava a construir uma equipe. Foi a partir da noção de equipe e de valores complementares que o futebol se organizou de modo estratégico e prático.

Foi uma guerra pacífica, a guerra que um simples objeto de couro já desencadeava, há mais de seis séculos, nos quatro cantos do mundo.



Seis séculos de estratégia e de pesquisa tática, no curso dos quais os “gerais” se sucederam à testa das equipes para tentar impor, pela inteligência dos homens, a lei da organização. Pois acontece com o futebol o mesmo que com todas as atividades coletivas: sem um esforço coordenado e comum, a eficácia torna-se muito reduzida.

O futebol nasceu em 1863, com a “Football Association” inglesa, que lhe deu suas formas e suas leis.

Ataca-se com dez, defende-se com um único homem, um pobre ser perdido entre duas extremidades de madeira e sob uma barra transversal que permanece inacessível, colocada a três metros do chão.

Os dez outros membros da equipe, todos atacantes, cruzam-se incessantemente e se atrapalham muitas vezes no seu desejo selvagem de conduzir a bola para dentro do gol adverso. Assim como os garotos no pátio da escola, eles se aglomeram e se concentram em torno da bola, misturados aos dez jogadores inimigos que, em vão, perseguem o mesmo objetivo. O próprio Deus não reconheceria, pois aí não há atacante nem defensor, mas sobretudo, nenhum jogador útil. O jogo coletivo, tanto na colocação como no passe, permanece no estado bruto e instintivo.

Nossos mestres estratégicos percebem, então, que havia um vazio considerável entre os atacantes e os defensores, em uma zona do campo capital onde a bola é conquistada.

Ainda melhor: um inglês ainda mais inventivo, soprando do lado de Nottingham, apresenta uma nova idéia lá para 1880. Esse pesquisador desconhecido, cujo nome nossa história esqueceu de transmitir, vai modificar a organização da equipe, reforçando a linha dos médios. Esta última se enriquece com um jogador suplementar, retirado do ataque. Cinco atacantes, três médios, dois zagueiros, um goleiro: o clássico dispositivo nascia e teria pele dura.



Dentro desse quadro, que parece bastante rígido, a especialização iria surgindo, pouco a pouco, entre os jogadores. Pela sua posição central privilegiada, o centro-médio se impõe logo como o grande patrão: é ele quem dirige o jogo, em toda liberdade.

Os dois zagueiros ali estão sempre para defender o campo e o gol ocupado pelo goleiro.

Assim como a invenção da pólvora e a do aeroplano transformaram a ciência militar, a modificação do regulamento iria transtornar o próprio jogo e a organização tática no campo. A "International Board", instância suprema reunida em Paris em 1925, decidiu trazer uma modificação na regra XI, referente ao fora-de-jogo: dali por diante um jogador não seria mais considerado como fora de jogo, quando dois adversários – e não mais três – serão colocados entre a linha de gol adversária e ele próprio.

Da mesma forma, os atacantes readquirem importância e esperança, enquanto que os da defesa põem-se a tremer. Conseqüência imediata e lógica: as linhas atrás se reforçam imediatamente, se concentram, se especializam e se tornam mais vigilantes.

Dois zagueiros não são mais suficientes para proteger o gol... O "general" Herbert Chapman, "oficial superior" do futebol inglês, comandando o regimento de elite desse clube londrino chamado "Arsenal", experimenta uma fórmula inventada por um Escocês de Motherwell, Johnny Hunter.

Chapman cria uma colocação de terceiro contra-ataque, o zagueiro central, sucessor do antigo centro médio, ao qual ele dá a ordem de se instalar defronte de seu goleiro e de sua meta, tendo a missão de vigiá-la.

Glória e vida longa ao WM que acaba de nascer. Recordemos sumariamente a colocação dos jogadores do Arsenal no campo: três



zagueiros, dois médios, dois centros, três atacantes. A repartição é perfeitamente simétrica, idealmente harmoniosa.

Seja como for, esse WM que saiu do subúrbio londrino propagou-se no mundo inteiro, obrigando jogadores e treinadores a forjar armas novas.

Pois o WM não tardou a se acompanhar de uma outra forma de combate, com dez "tête-à-tête" provocados por um sistema de marcação implacável no seu rigor matemático e até geométrico. O W colando ao M, cada jogador se encontra diretamente confrontado com um jogador adversário: o zagueiro central com o centro avante, os zagueiros laterais aos dois meias, os médios aos centros – desses duelos singulares dependerá o desfecho da batalha. E, muitas vezes, é na confrontação dos dois quadrados formados pelos meias e os centros – os "quadrados mágicos", como os qualificou um jornalista inglês – que se decidirá a sorte dos dois exércitos.

Porém, os recursos do homem permanecem inesgotáveis. Há primeiramente o jogador dotado pela natureza, ao acaso, com dotes excepcionais. Esse jogador não tardará a iludir a vigilância de seu rival direto, desequilibrando ao mesmo tempo todo sistema adversário e fazendo pender a balança – e o sucesso – para o seu campo.

Há também o treinador que maneja as idéias e desloca os atacantes ou os zagueiros no campo, como se faz deslocar a rainha e os bispos num tabuleiro de xadrez.

Se for verdade que as raças, os caracteres e as concepções ideológicas modificam e amoldam o estilo individual dos jogadores de futebol – um negro não jogando como um branco, e um inglês sendo muito diferente de um italiano – pode-se afirmar que essas mesmas influências se exercem sobre a coletividade de uma equipe e suas opções táticas.



Assim sendo, os ingleses, povo rigoroso e forte, instituíram a marcação individual, nascida com WM, hesitando muito antes de abandoná-la. Ao contrário, os húngaros e os brasileiros, mais artistas, foram os primeiros a se libertarem dessa escravidão tática para impor com o 4-2-4 um sistema defensivo mais coletivo e mais flexível, que favorecia seu gosto pelo jogo de ataque e seu temperamento ofensivo.

O próprio público, tão diversificado, mas tão influente, representa também seu papel, reclamando de seu time quando ataca ou defende, conforme a sua preferência para o espetáculo brilhante ou unicamente atendendo ao resultado.

O Húngaro Gustav Sebécs pode ser considerado, de fato, como o pai desse 4-2-4 que destruiu, num certo dia de novembro de 1953, em Wembley, na maior e mais célebre batalha da história do futebol, o velho WM de papai Chapman.

Todos sabem o que se passou depois: é preciso lembrar que a essa reestruturação das linhas ofensiva (quatro atacantes) e defensiva (quatro zagueiros confrontados com os quatro atacantes) do adversário: à vigilância individual do WM sucedia a marcação de zona – onde cada zagueiro se via confiar a responsabilidade de uma determinada zona de campo, na qual ficava incumbido de qualquer adversário, fosse qual fosse.

Parece normal que o WM, e sua disciplina fria como o aço, sejam de inspiração britânica, assim como é lógico que o retorno à liberdade, à astúcia e à fantasia tenham nascido no país dos vilões ciganos para prosseguir no país dos sambas.

Com efeito, foram os brasileiros de 1958 que, como campeões indiscutíveis do mundo, consagraram o triunfo de um sistema tático.

Entretanto, já se via apontar em Estocolmo, quando o meia brasileiro Zagallo fugia a ala esquerda de seu ataque para dar episodicamente



mão forte a seus centros, o 4-3-3 que, em 1962, no Chile, permitiu a Pelé, Didi e seus parceiros conservar a taça do mundo.

Helenio Herrera impôs então ao mundo o "catenaccio". Começou por construir uma aterrorizante máquina defensiva, partindo do velho concreto parisiense, do qual constarão as eficácias realidades. Porém, no "Inter" de Milão, com jogadores de talento, Helenio Herrera orientou o sistema ultradefensivo para um jogo de contra-ataque que não tardou a dar frutos, com auxílio do valor dos Milanese e do fator surpresa.

A esse futebol de comando, feito de golpes de mão e de ataques relâmpagos, nenhum adversário, por mais organizado e desconfiado que seja, pode resistir.

Já antes da guerra, uma experiência semelhante fora realizada na Suíça, por um estratégico, chamado Karl Rappan. Ao WM inglês, reforçando a defesa por um zagueiro central, Rappan havia preferido um outro sistema que os italianos se contentaram em traduzir por "catenaccio".

Com o apoio de seu defensor livre de qualquer marcação, esse libero encarregado de tapar as brechas atrás de seus parceiros, a equipe italiana pode lançar de longe os raids mais devastadores por intermédio de seus beques atacantes. Assim, no Inter de Milão, o ponta esquerda Facchetti se comporta como uma verdadeira flecha arremessada para o alvo, a meta adversária, que é muitas vezes atingida em cheio.

Foi e é ainda, com efeito, o drama do "catenaccio" e de uma época em que o futebol, encontrando-se de repente mergulhado em uma civilização industrial, começava a se comercializar e a se endurecer. Quantias fabulosas modificam completamente o espírito e, conseqüentemente, a tática e a estratégia desse porte. A isca do ganho e a busca exclusiva da Vitória condenam qualquer audácia e tentativa nova.



1966, Inglaterra campeã do mundo; 1967, Celtic de Glasgow, campeão europeu de clubes; 1968, Manchester United, campeão europeu de clubes.

Em 1966, o antigo veterano Alf Ramsey, que viveu como jogador a terrível derrota de Wembley contra a Hungria, treze anos antes, tendo adquirido galão e idade, decide devolver à Inglaterra sua supremacia. Defensor, ele começa por assegurar seus zagueiros, adaptando o 4-2-4 dos Húngaros a suas próprias idéias.

Ramsey consolida, pois, sua defesa central e, em seguida, puxa diante de seus quatro zagueiros uma segunda cortina protetora de quatro jogadores, desguarnecendo propositadamente os dois meias de seu exército. Finalmente ele coloca diante do inimigo dois artilheiros de elite, cujos tiros de canhão acabarão por fazer os mais sólidos baluartes.

O movimento permanente desloca as linhas, mistura os papéis, "desespecializa" os jogadores e faz da equipe armada um corpo vivo, do qual cada membro se encadeia ao outro, pode substituir o outro, é útil ao outro.

Aqui nasceu o futebol de hoje, que os brasileiros, os holandeses e os alemães aperfeiçoaram e ainda fazem progredir.

Aos jogadores de futebol do século passado, embaraçados na sua posição e seu papel, como os cavaleiros da Idade Média em suas armaduras, sucederam combatentes vivos, sólidos, rápidos, resistentes, hábeis, inventivos e inteligentes.

Daqui por diante, o zagueiro tanto ataca quanto marca gols, e o centro avante também deve lutar para recuperar a posse da bola ou proteger a aproximação de seu campo.

Ao mesmo tempo, a pesquisa tática tornou-se muito mais difícil: somente os progressos técnicos e físicos ainda podem melhorar nosso



esporte, enquanto não forem modificadas as leis do jogo. O que, aliás, parece inevitável.

Seja como for, enquanto houver homens, o futebol estará sempre passando por transformações. Com a condição de que aqueles que o animam e o amam, não cavem o seu túmulo querendo lhe retirar a alegria de viver e de mudar sempre, a alegria de ser o que ele é, o esporte mais inteligente do mundo.

História do Futebol

Como surgiu

Em 29 de outubro de 1863, numa reunião de representantes de 11 clubes ingleses, a maioria ligada a Colégios ou Universidades, foi fundada na Taverna Freemasons a "Football Association", a primeira associação de Futebol do mundo.

Discordâncias quanto ao uso ou não das mãos provocaram a cisão da Football Association e alguns dissidentes liderados pelo Rugby College fundaram a "The Rugby Union", precursora da "Rugby League" (1863), surgindo então, o Rugby.



Formação inicial

O futebol era praticado por duas equipes formadas por um goleiro, um zagueiro, um médio e oito atacantes. Essencialmente ofensivo, anárquico, instintivo e sem medo, onde a melhor defesa era o ataque.

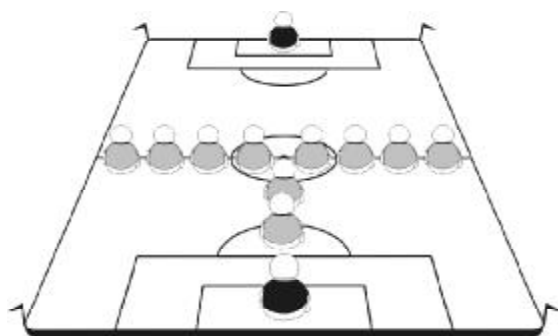


Figura 1 — Formação em 1860.

Preocupação em atacar

Um chute do zagueiro para frente e era uma correria louca dos atacantes com o objetivo de levar a bola à meta adversária, não importando como. Bem parecido com seu "irmão" mais novo, o rugby.

Individualidade X Coletividade

O drible já era a suprema habilidade, o passe somente em último recurso e a soma das individualidades ainda não formava uma equipe.

Recuo dos atacantes

Na década seguinte, a defesa foi fortalecida com o recuo de um dos atacantes, que vem para o setor defensivo.

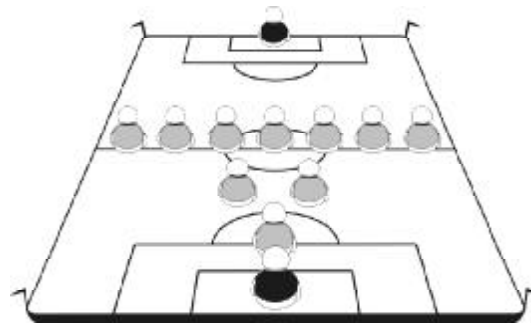


Figura 2 — O recuo dos atacantes inicia-se em 1870.

A tendência de fortalecer a defesa continuava, tanto que em 1871, as equipes já jogavam com dois zagueiros, dois médios e seis atacantes.

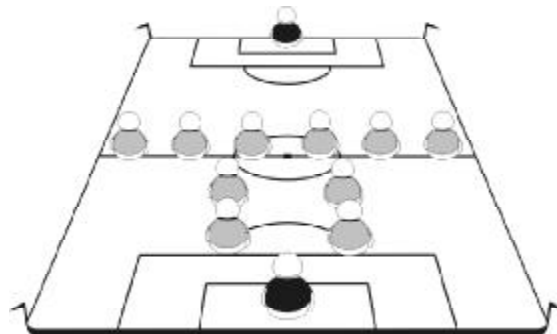


Figura 3 — Em 1871, as equipes já passavam a demonstrar maior preocupação com a defesa.

Sistema "Clássico"

Em 1883, na Universidade de Cambridge, pela primeira vez um time aparece jogando com a formação 2 zagueiros, 3 médios e 5 atacantes, que se tornou clássica no futebol. Foi chamado de Sistema Clássico ou Piramidal.

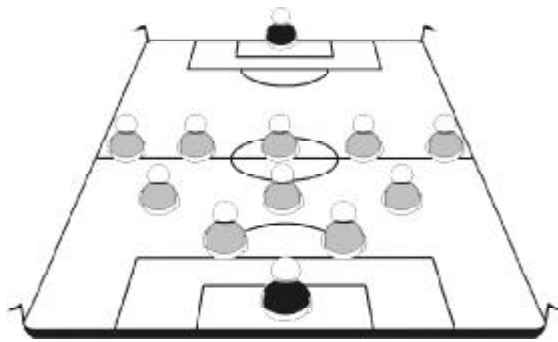


Figura 4 — O sistema “Clássico”, em forma de pirâmide.

Foi o “primeiro sistema” na história do futebol e sua maior contribuição foi a melhor distribuição dos jogadores em campo, gerando um maior equilíbrio entre os setores de defesa e ataque.

As defesas foram se reforçando e o drible foi cedendo lugar ao passe. Os jogadores começaram a se distribuir melhor em campo e foram se definindo funções específicas: os “halfs”, os “backs” e os “forwards”.

Movimentação em campo

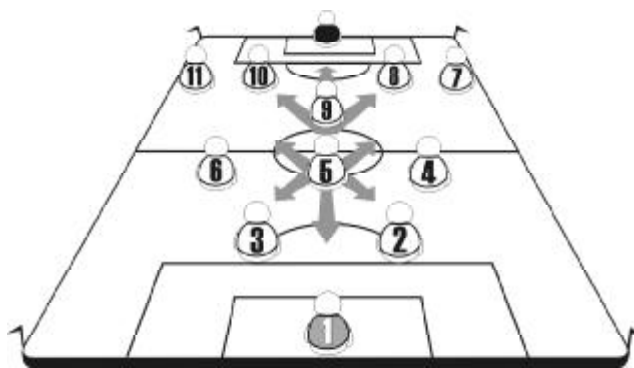


Figura 5 — Movimentação do atacante central e do centro-médio.

O atacante central (9) ou “center forward”, jogava recuado e armando as jogadas para os meias e pontas, enquanto o médio central (5) ou center back era o homem mais importante da equipe, atuando em todo o campo.

A lei do impedimento, na época, determinava que o atacante, para ter condições de jogo, tinha que ter entre si e a linha de fundo pelo menos três adversários. Sendo assim, todo plano tático defensivo da época consistia na exploração desse detalhe e os zagueiros jogavam em diagonal, dificultando tanto o trabalho dos atacantes que os gols estavam se tornando raros. Desta forma, não tardaria muito para que a lei do impedimento fosse modificada, provocando uma completa revolução no futebol.

“Lei do Impedimento” (1925)

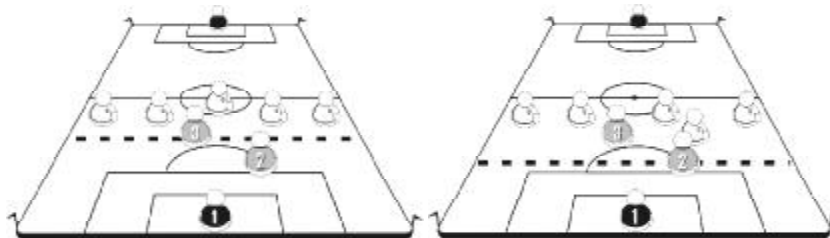


Figura 6 – Linha do impedimento antes de 1925 Figura 7 – ... e após 1925.

Em 14 de junho de 1925, a regra XI conhecida como a “Lei do Impedimento” foi alterada, passando a caracterizar-se não mais pela exigência da presença mínima de três defensores entre o último atacante e a linha de fundo no momento do passe, mas apenas dois jogadores, como é conhecida atualmente. Os ataques passaram a gozar de uma liberdade até então surpreendente e modificaram-se para desfrutá-la. Em função disso, as defesas também se



reposicionaram, tentando anular essa liberdade e manter o velho recurso tático.

Mudança no posicionamento dos zagueiros

Os zagueiros abandonaram a velha posição de um à frente e outro atrás, para jogarem lado a lado, procurando, ainda, manter as vantagens da tática do impedimento.

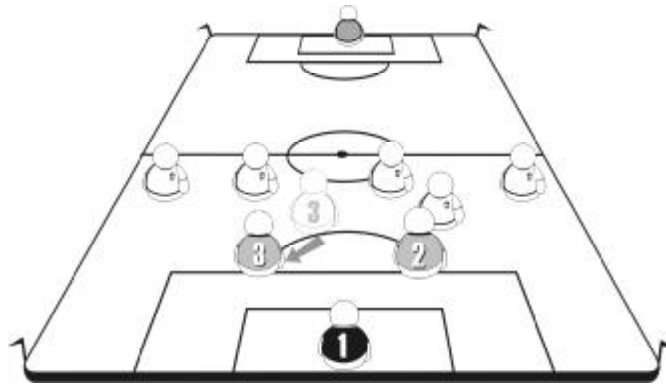


Figura 8 – Os zagueiros passaram a jogar em linha.

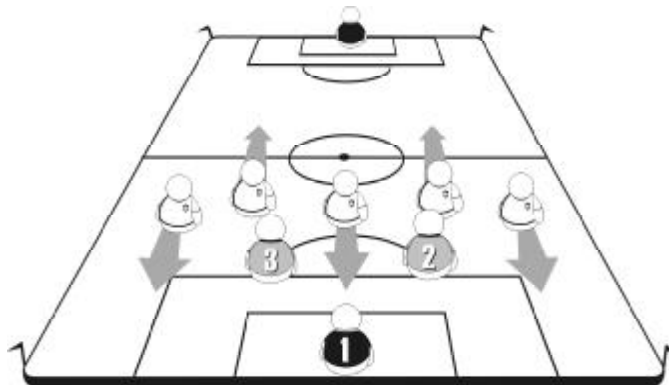


Figura 9– Avanço dos pontas e recuo dos médios.

À medida que os pontas foram avançando, passando a jogar quase na mesma linha dos zagueiros, os médios de ala foram recuando. Surgia o “W”.

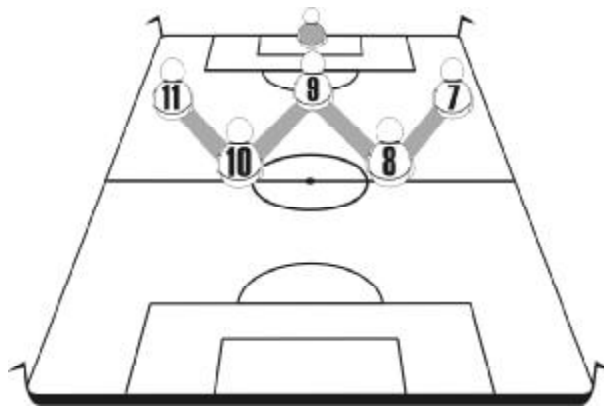


Figura 10 – Surgimento do “W” ofensivo.

Mas na linha média, o centro-médio ficava entre os dois meias adversários, numa situação de inferioridade. Segundo o velho conceito, quem marcava os meias eram os zagueiros. Mas com os meias recuados, como poderiam os zagueiros, cuja função principal era e sempre será guarnecer a área dos “backs”, irem ao meio campo atrás daqueles?

Superioridade X Inferioridade

Como resposta, continuaram à frente de sua área, guardando-a. O resultado foi que o centro-médio ficou isolado entre os meias adversários que tinham, assim, um terreno amplo para trabalhar e logo começaram a desenvolver o jogo de meia para meia, estratégia que arrasava com as defesas da época. A situação era insustentável e aos poucos, foi se descobrindo que a melhor solução seria trazer os médios de ala para junto dos meias e dar aos zagueiros a incumbência de cuidar dos pontas.

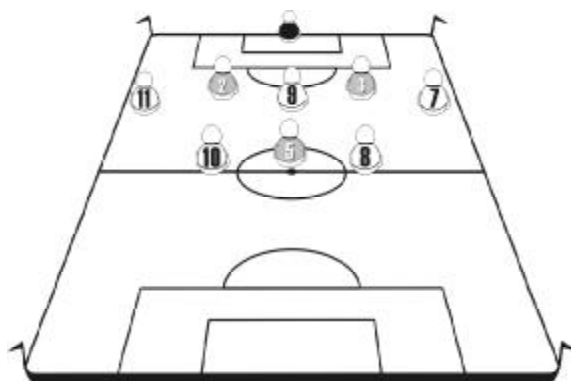


Figura 11 – Inferioridade numérica na defesa e no meio campo.

Mas o grande problema ainda não estava resolvido. No meio do campo a linha média passou a ser poderosa, com flagrante superioridade numérica. Na defesa, o desequilíbrio continuava beneficiando os ataques.

Os ataques exploravam o jogo cruzado e, nestas constantes inversões, sempre um dos pontas ficava livre, assim como os centro-atacantes. Esta facilidade criou uma escola de infiltradores, sendo que Leônidas da Silva foi seu melhor representante no Brasil.

Foi a época dos goleadores e onde a dificuldade em marcá-los beirava o impossível para os zagueiros. Não era preciso que os atacantes possuíssem muitas qualidades, bastava apenas serem fortes e impetuosos que se tornavam sensações.

Entramos na fase do duplo W, uma fase de transições.

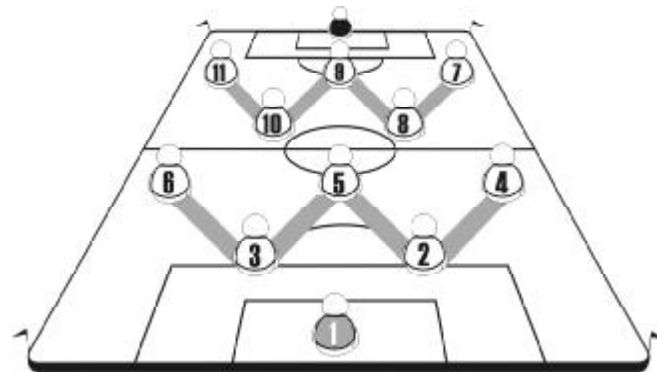


Figura 12 – Inferioridade defensiva e superioridade ofensiva no “WW”.

Evoluindo para o “WM”

A solução em oposição ao “W” surgiu no Arsenal de Londres com o recuo do centro-médio (5), passando a jogar entre os zagueiros e a ter uma função inteiramente defensiva (o “stopper” – como os ingleses o chamavam). Os médios de ala passaram a atuar no meio-campo, dando o apoio ao ataque e marcando os meias adversários, transformando o “W” em um “M” defensivo.

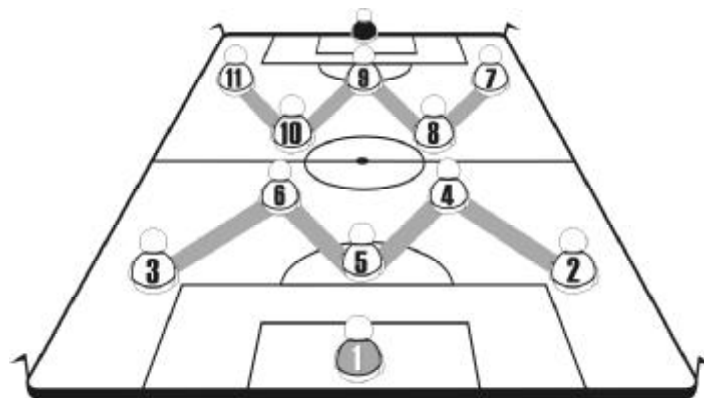


Figura 13 – Encaixe perfeito entre o “M” defensivo e o “W” ofensivo.



O "Quadrado Mágico"

Com recuo do centro médio para o meio da área e o deslocamento dos meias para o meio de campo, houve um perfeito encaixe entre o W ofensivo e o M defensivo quando em confronto e na junção entre o W e o M, formava-se o "quadrado mágico".



Figura 14 – Formação do "Quadrado Mágico".

Da "Diagonal" ao 4:2:4

No Brasil, nossas equipes passaram a adotar o M defensivo com numeração diferente. Em essência a coisa não variou na forma, até o

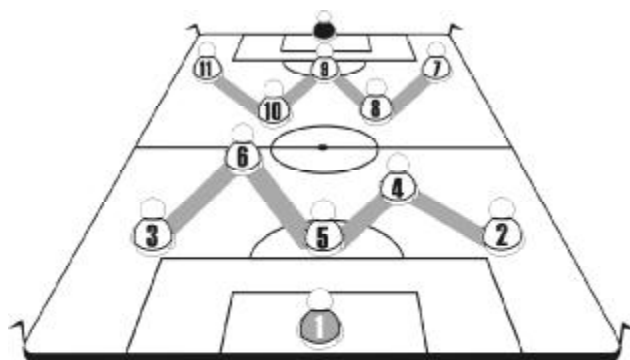


Figura 15 – O "M" assimétrico.

aparecimento de um novo sistema – a diagonal – que tornava o “M” assimétrico.

Com o tempo foi-se dizendo que as linhas médias brasileiras jogavam em diagonal e o efeito da diagonal sobre o W ofensivo foi que ele também deixou de ser simétrico por duas razões: teve um dos meias empurrado para frente e o outro puxado para trás.

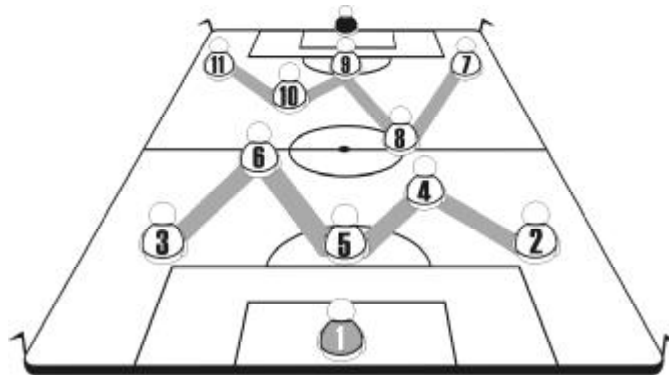


Figura 16 – O “WM” assimétrico.

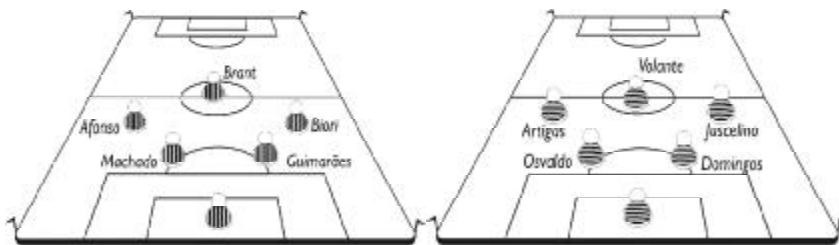
Face ao recuo do homem de meio-campo, passou a surgir uma nova função, a de meia-de-ligação e depois surgiu também o ponta-de-lança no futebol brasileiro.

Aos poucos os jogadores foram se arrumando e se acomodando às novas funções. Por volta de 1945, estávamos aparentemente seguros do sistema, nossas equipes jogavam mais ou menos à vontade e o nosso futebol não evoluiu como deveria.

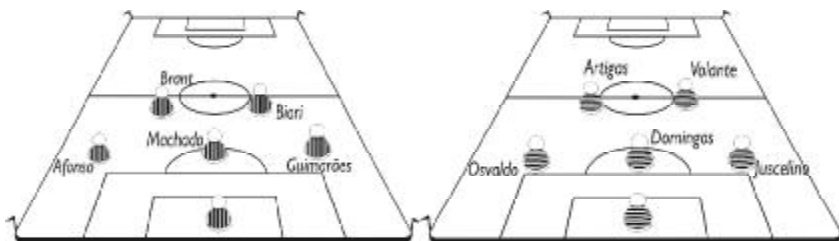


A dupla FLA/FLU

Flamengo e Fluminense, que contavam com os melhores jogadores do futebol brasileiro na época, foram convidados a participar de um hexagonal em 1941 e os resultados foram quase todos desfavoráveis. Felizmente, porém, na direção das duas equipes estavam Flávio Costa e Ondino Vieira, grandes técnicos, ótimos observadores que, se não puderam evitar os desastres, souberam extrair desses os melhores ensinamentos e aplicaram o que viram às suas equipes.



Figuras 17 e 18 – Fluminense e Flamengo antes do Torneio Hexagonal de 1941.



Figuras 19 e 20 – Fluminense e Flamengo após o Torneio Hexagonal.

Aliás, iniciou-se assim, o recuo mais ou menos permanente de um dos meias sempre do lado em que o médio era chamado à função de terceiro zagueiro, como o caso de Biguá, no Flamengo.



Figura 21 – Avanço do Jaime e recuo do Zizinho, no Flamengo.

Esse recuo foi se acentuando através dos tempos e chegou a criar a atual função de tanta importância em nossas equipes: o “meia-de-ligação”. Zizinho foi o primeiro meia de ligação do futebol brasileiro.

Diagonal X “WM”

Estes dois sistemas prevaleceram na época. Cabe aqui uma comparação tática bastante interessante através das figuras.

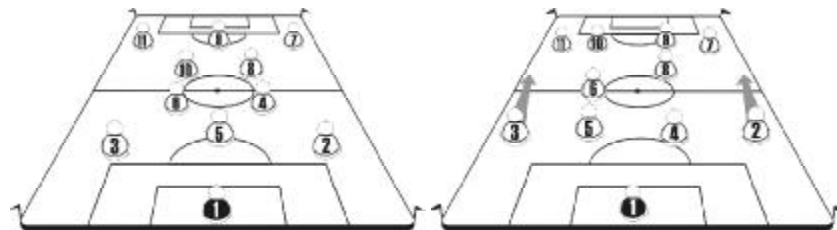


Figura 22 – WM

Figura 23 – Diagonal

Na figura 22 (WM) os dois zagueiros mantinham a concepção de defensores puros e jogavam mais presos à marcação e à cobertura da área. O centro-médio, acostumado à antiga posição avançava um pouco mais.

Na figura 23 (Diagonal) os laterais não davam a devida cobertura ao centro e saíam mais.



Surge o "Ponta-de-lança"

O ponta-de-lança (10) era um homem de meio-campo que era projetado através de lançamentos longos para a defesa adversária, sendo um ponto de referência da segunda zona. Adiantado em alguns momentos do jogo, passou a romper com certa facilidade as defesas adversárias. O zagueiro central adversário que apenas se preocupava com o centro-avante (9), passou a ver sua área repentinamente ser invadida por um meia em plena corrida, infiltrando-se a caminho do gol. O zagueiro então passou a distribuir a sua atenção entre o centro-atacante e o meia que entrava livre de marcação. Se o zagueiro cercava um, o outro ficava livre.



Figura 24 – Penetração do meia em diagonal com o recuo do meia oposto.

Surgiu assim o ponta-de-lança, o homem mais agressivo do ataque. Perácio foi o exemplo e o primeiro grande ponta-de-lança do futebol brasileiro.

Com o advento do ponta-de-lança, os ataques passaram a ter uma constituição diferente: usava-se não mais um W puro e sim um W irregular, ditado agora pela colocação diferente dos dois meias.

O 4:2:4

O adiantamento do ponta-de-lança de uma forma exagerada resultou no acompanhamento de um quarto zagueiro, seu respectivo marcador.

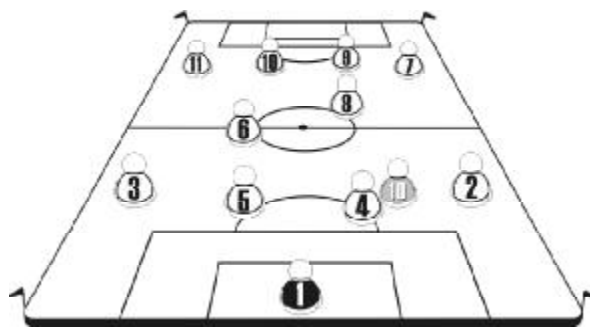


Figura 25 – Sistema 4:2:4: atacantes e defensores com características específicas.

No início, escolhiam-se para a posição de ponta-de-lança, que estava surgindo, jogadores que tivessem qualidade de homem de meio-campo. No entanto, mais tarde foram sendo aproveitados somente os jogadores mais agressivos e, quanto mais este avançava para a terceira zona, mais e mais trazia o seu marcador. Este marcador, por sua vez, também passou a ser escolhido dentre aqueles com características mais defensivas.

A modificação tática, por vezes, decorre das condições técnicas de cada jogador. Aos poucos, os homens de meio-campo passaram a adaptar-se às novas funções. Um jogador com características ofensivas passou a ser o ponta-de-lança e outro com características defensivas tornou-se o quarto zagueiro. Surgiu assim o 4-2-4.



Movimentação em campo

A equipe do Flamengo, mais uma vez, pode ser apontada por nós como a que melhor se movimentava dentro da nova formação, sob a direção do técnico paraguaio Fleitas Solich, campeão em 1954 e 1955.

Dequinha cuidava sempre da marcação do meia-de-ligação adversário, sendo este o meia-direita ou o meia-esquerda. Neste trabalho defensivo e no trabalho de coordenação de jogadas no meio de campo, ele contava sempre com a presença e o apoio do meia-direita Rubens.

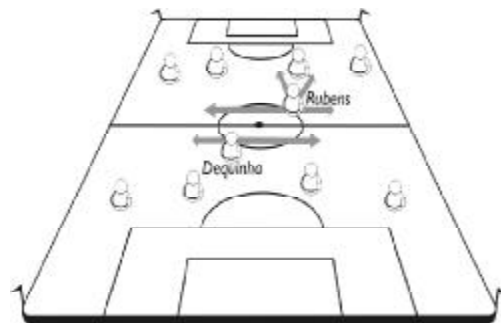


Figura 26 – Movimentação de Dequinha e Rubens no Flamengo.

Sistemas e Evolução

No final do século XIX havia uma bola e todo mundo correndo atrás, o que acontece até hoje no futebol de rua e entre as crianças. Mas, à medida que o jogo se desenvolveu, os sistemas de jogo procuraram obter um melhor aproveitamento dos seus jogadores, através do seu posicionamento em campo. O futebol tornou-se um jogo de dribles e passes, ao invés de só dribles e correria.

As grandes mudanças táticas ocorrem algumas vezes depois de grandes competições ou jogos internacionais. Mas foi o jogo Inglaterra e Hungria, vencido pelos húngaros em 1953 por 6 x 3 em Wembley e 7 x 1 na revanche que mudou a história do futebol inglês e mundial, determinando o fim do WM. Os húngaros, virtualmente, exploraram as fraquezas do futebol inglês, puxando para o meio-campo o seu centro-avante Hidegkuti e criando espaços para a penetração de Puskas e Kocsis. Naquela época, nenhuma equipe tinha, até então, usado o seu centro-avante tão recuado, criando problemas para o stopper que não sabia o que fazer diante da nova situação e abrindo generosos espaços na defesa, por onde penetravam Puskas e Kocsis. Antes dos húngaros – primeiro time estrangeiro a vencer em Wembley



– todas as equipes da Inglaterra usavam o sistema WM, com os jogadores usando camisas numeradas de tal maneira, que os torcedores sabiam de cor suas posições, mesmo sem consultar as escalações oficiais.

Por exemplo, o número 9 era o centro-avante e conduzia o ataque. O centro-médio era a figura principal da equipe e levava o número 5, os médios (Wing-halves) 4 e 6, os meias (Inside-forwards) 8 e 10, os dois zagueiros (Full-backs) 2 e 3, os pontas (Wings) 7 e 11 e o goleiro cuja camisa não era numerada. Isto significava que haviam três jogadores na defesa e, como os húngaros jogavam com a formação de quatro atacantes, num 4:2:4, os defensores ingleses ficaram em desvantagem numérica e por isso as dificuldades.

Antes da chegada de Herbert Chapman, lá pelos anos 20, a maioria das equipes inglesas jogava com apenas dois zagueiros na defesa (sistema clássico). Mas com a mudança da lei do impedimento em 1925 – a nova lei alterou de três para dois o número de jogadores que o atacante teria que ter entre ele e a linha de gol no momento do passe para ter condições legais de jogo – o futebol mudou, ocasionando uma avalanche de gols proporcionada pela liberdade que os atacantes passaram a desfrutar.

A derrota do Arsenal para o New Castle, pelo placar de 7 x 0, contrariou muito o novo contratado da equipe, Charlie Buchan, e convenceu Chapman a seguir o que já havia sido feito no New Castle, que era exatamente trazer o centro-médio (center-half) para o meio da área, entre os full-backs, tornando-se assim o terceiro zagueiro. Com esta nova formação o Arsenal tornou-se a melhor equipe da época, ganhando tudo e, como sempre acontece quando uma equipe é vitoriosa, as outras tendem a copiá-la. O WM conseguiu ainda sobreviver por mais vinte e oito anos, até ser destruído pela máquina húngara comandada por Hidegkuti e seus companheiros.



O ponto predominante da equipe húngara era sua espinha dorsal, onde os principais jogadores eram o goleiro, o centro-médio e o centro-avante. Até hoje os técnicos procuram fortalecer suas equipes com bons jogadores para estas posições, consideradas básicas em todos os sistemas. O ponto vulnerável é que havia muito pouca cobertura na defesa – se saíam para marcar de um lado, desguarneciam completamente o outro.

A mudança para o 4:2:4 com o fortalecimento da defesa e do ataque e, conseqüentemente, o enfraquecimento do meio de campo, não ocorreu de uma hora para outra na Inglaterra. Muitos clubes ainda hesitavam em abandonar o WM. Foi preciso um outro jogo internacional para mudar a cabeça dos técnicos e managers. Um jogo que marcou essa evolução dos sistemas foi Inglaterra x Espanha em 1960, que terminou com placar de 4 x 2 para Inglaterra, num dia chuvoso em Wembley. Comandada por Walter Winterbotton, a Inglaterra usou o sistema 4:2:4, com J. Haynes e Bob Robson como os dois meio-campo. A vantagem do sistema era, obviamente, acrescentar um jogador extra na defesa, melhorando a cobertura e mais um no ataque aumentando o poder ofensivo. Enquanto isso, na Europa, os italianos e austríacos estavam usando mais um jogador extra atrás da linha defensiva, que era chamado líbero ou sweeper. Os brasileiros, contudo, venceram a Copa de 58 e 62 usando um 4:2:4 com variações para o 4:3:3 e eliminando o líbero.

No início dos anos 60, alguns técnicos, como David Sexton do Chelsea, trocaram o 4:2:4 pelo 4:3:3, recuando um ponta para o meio-campo, como fizera Zagallo na Copa de 62.

Como os húngaros haviam demonstrado, o 4:2:4 nunca foi usado de uma maneira muito rígida. Os pontas poderiam voltar ao meio-campo quando a equipe perdia a posse de bola, fazendo quatro no meio e, por todos os anos 60 e 70, o jogo se tornou um pouco mais defensivo



– com mais defensores do que atacantes.

A vitória da Inglaterra na Copa de 1966 foi um momento importante na história da evolução do futebol. O técnico inglês, Alf Hamsey, convocou três pontas para a Copa: Terry Paine, J. Connely e Ian Calalaghan. Embora cada um tenha jogado uma partida na Copa, Hamsey achava que nenhum deles vinha rendendo bem. Nas quartas de final contra a Argentina, ele tentou uma nova formação sem pontas, com Alan Ball e Martin Peters se juntando no meio campo com Bob Charlton e Nobby Stiles, deixando isolados na frente o Hunt e o Geoff Hurst como atacantes.

Uma vez mais o mundo copiou a fórmula vencedora e adotou a nova filosofia chamada de “futebol força” onde prevalecia o “jogue e não deixe jogar”. Surgiu, então, uma nova formação, o 4:4:2, que ainda é utilizado até hoje por muitas equipes. Os pontas foram eliminados e buscou-se fortalecer o meio-campo.

Na Copa de 1986, equipes como a Dinamarca, Rússia e até mesmo a campeã Argentina, ocasionalmente, usavam até cinco jogadores no meio, com o sistema chamado 3:5:2. A idéia era, basicamente, recuar os jogadores ao meio, criando espaços para atacar, chegando em velocidade na área e dificultando a marcação.

Havia algumas variações no 4:4:2. O Coventry usava só três zagueiros, trazendo um lateral para o meio, formando uma linha de quatro no meio-campo e com três no ataque (3:4:3). Esta formação fazia sentido, porque outras equipes jogavam no 4:4:2 e não havia razão para jogar com quatro zagueiros para marcar somente dois atacantes. Toshack levou o Sansea a primeira divisão usando três zagueiros e um libero.

Outro jogo importante na história dos sistemas foi Inglaterra e Holanda em Wembley (1977), onde os holandeses introduziram o estilo de



jogar sem o ponta-de-lança. Cruyff jogou voltando para o meio e Jan Petters marcou os dois gols da vitória holandesa.

Hoje em dia as equipes mudam de tática e a maneira de jogar de acordo com cada jogo e competição, ao contrário do que ocorria nos tempos do WM, onde todos jogavam da mesma maneira. Isso significa que em futebol não deve haver uma maneira única de se jogar. É responsabilidade dos técnicos buscar sempre novos caminhos.

Setores

Em princípio, a importância de sistemas de jogo tem sido exagerada. É importante se entender que não existe sistema de jogo em futebol que resista a passes e chutes errados. Não existe sistema que dê certo sem jogadores que se ajudem, apoiem, ou que não queiram se movimentar.

Sistema de jogo diz respeito somente à distribuição dos jogadores no campo de jogo. O número de variações é muito pequeno. A maioria dos técnicos concorda em dividir os jogadores de uma equipe em três grupos: defesa, meio-campo e ataque.

• Defesa

O futebol moderno está cada vez mais exigente nas questões táticas – inteligência para o jogo – e na condição física de todos os jogadores. Neste contexto, o goleiro terá que ser o mais atuante possível nas situações de jogo em que sua defesa precisar de um homem extra para as coberturas. Além de ser o único em campo com toda a visão do jogo, tem a importante função de orientar taticamente toda a equipe. Cabe ao técnico enfatizar sua participação em campo, beneficiando-se desse privilégio.



Já os laterais necessitam de um elevado nível de condição física para exercer suas funções, tanto defensivas quanto ofensivas, visto a necessidade de acioná-los frequentemente devido ao congestionamento do meio-campo.

A proximidade com a área de gol não permite erros. Os zagueiros são extremamente importantes nas ações defensivas de uma equipe, portanto, devem ser muito bem escolhidos e treinados. As situações de jogo exigem do jogador uma alta percepção espaço-temporal e lateralidade, sendo o domínio da bola que vem pelo alto e a cobertura dos laterais alguns dos exemplos práticos.

Taticamente, por terem uma visão de jogo privilegiada, os zagueiros também podem orientar seus companheiros de equipe, fazendo a “leitura de jogo”.

- Meio-campo

O principal elemento de diferenciação entre os sistemas táticos é o meio-campo, ou seja, como está composto e sua dinâmica, tanto defendendo quanto atacando.

Existem vários perfis de meio-campistas: defensivos (contenção), armadores (preenchimento dos espaços, criação e articulação das jogadas) e ofensivos (surpresa no ataque e capacidade de finalização).

- Ataque

A estrutura do ataque pode variar de acordo com o sistema adotado mas, basicamente, existem duas funções distintas no setor.

– O centro-avante é aquele que joga mais próximo à área de gol, pois tem a tarefa primordial de fazer gols. Existem jogadores que costumam ficar um pouco mais fixos na área, enquanto outros movimentam-se por sua redondeza.



- *Uma outra função é a do atacante que joga pelas extremas ou pontas, revesando-se tanto com os laterais ou alas, assim como com os meias que chegam no apoio ao ataque.*

Variação nos sistemas

Pensa-se que a maioria concordará que quatro jogadores são fundamentais na defesa. Não menos que dois no meio-campo e não menos que dois no ataque. Concordância total sobre oito jogadores, sobrando dois para serem utilizados de acordo com a filosofia do treinador. Se forem utilizados no ataque teremos um 4:2:4 e se utilizarmos um no ataque e um no meio-campo, teremos um 4:3:3. Podemos, ainda, utilizar um deles atrás da linha de defesa e outro no meio-campo. Teremos então um 1:4:3:2 e, se forem usados os dois no meio-campo, teremos um 4:4:2.

Tudo isto parece muito interessante, mas nos diz pouco sobre sistemas de jogo. Na verdade, dois times podem ser organizados dentro de um mesmo sistema e jogarem de maneira completamente distinta. Esta distinção pode se dar pelo fato de que os jogadores têm técnica e estilo diferentes, além de serem orientados a se movimentarem de formas diversas. Aos laterais de uma equipe pode se pedir que apoiem constantemente o ataque. Aos da outra equipe que se mantenham mais presos à marcação. O modelo e a colocação dos jogadores será muito diferente.

Quando uma equipe perde, não é porque jogou neste ou naquele sistema, embora muitos analistas nos queiram fazer crer que foi por isto. Perdem simplesmente por que deixaram de cumprir ou falharam na execução de fatores básicos e importantes para um eficiente trabalho de equipe.

Todos nós, técnicos, além de jornalistas e comentaristas, temos que



aceitar a nossa parcela de culpa por termos trazido uma certa confusão na interpretação das táticas e sistemas para o mundo do futebol. Não fizemos o bastante para apresentar o problema de maneira simples e compreensível. Com relação às suas equipes, os técnicos devem entender que a falta de clareza conduz à falta de compreensão que nos leva ao fracasso e à desunião.

Os sistemas modernos começaram de fato em 1925 com a alteração da lei do impedimento. O resultado imediato da mudança foi fazer com que os gols fossem marcados com mais facilidade, pois os atacantes passaram a desfrutar de mais liberdade. A partir de então, os sistemas passaram a exigir que mais jogadores fossem trazidos para a defesa, buscando um maior equilíbrio. Houve muitas variações, mas taticamente a exigência era que as defesas fossem reforçadas. E isto foi feito, surgindo, então, o sistema com três zagueiros.

Apareceram alguns movimentos táticos interessantes no início da década de 50. Sem dúvida, o grande acontecimento foi a Copa de 58, onde 126 gols foram marcados em 35 jogos. Eram os tempos do 4:2:4 e o futebol brasileiro, no seu apogeu, simbolizou o que se pensava que fosse o melhor do futebol ofensivo. Eles nos mostrariam o caminho a seguir - ou será que não?

Infelizmente, na Copa de 62, apesar de novamente vencida pelo Brasil, foram marcados somente 88 gols em 32 jogos, ou seja, 38 gols a menos do que em 1958, com um decréscimo de 25% da produtividade dos ataques. Outro fato interessante foi que, em 1962, a Tchecoslováquia chegou às semifinais depois de jogar quatro partidas e marcar apenas três gols. Alguma coisa havia mudado e produzido resultados e não era, com certeza, o futebol ofensivo. Simplesmente, foram colocados mais jogadores na defesa e menos no ataque. Jogadores do meio-campo foram escalados com maiores responsabilidades defensivas e com pouca liberdade para atacar. Não



era incomum encontrar-se equipes atuando com oito e até nove jogadores defendendo, numa demonstração inequívoca de pouca ou nenhuma imaginação.

Teria a Copa de 62 sido o fim da linha no que concerne a evolução tática do futebol? Nem um pouco. Havia ainda um problema e a solução estava entregue aos treinadores.

Dupla função

Sendo assim, o que deu certo em 62 iria ser mantido. Equipes vencedoras iriam se defender com oito ou nove jogadores. As chances de sucesso, entretanto, com somente dois jogadores no ataque, eram muito limitadas. Era evidente que a exigência era que os jogadores pudessem atuar na defesa (ajudar) e fossem também capazes de atacar com efetividade (dupla função). Havia três características básicas:

- Jogadores que tivessem um alto nível de condicionamento físico para desenvolver um trabalho de grande intensidade durante todos os noventa minutos (correr o tempo todo).*
- Habilidade e capacidade para atuar em várias partes do campo (versatilidade). Ex.: um zagueiro ou lateral, quando ataca, tem que saber reagir de acordo com a zona em que se encontra no campo.*
- Jogadores de alto nível técnico: habilidosos, além de criativos tecnicamente.*

Condição física, conjunto e técnica são os três pilares básicos no rendimento de uma equipe. Quanto mais limitado com relação a algum destes aspectos, maior a necessidade dos outros dois. Atualmente, pode-se dizer com certeza que nenhuma equipe vencerá nenhuma competição importante sem um alto nível de condição física.



Mas só condição física não basta. É importante o jogo coletivo (entrosamento) que pode ser explicado por uma simples estatística. Num jogo de noventa minutos, a bola está em jogo por aproximadamente sessenta minutos e os trinta minutos restantes são perdidos com interrupções normais do jogo (contusões, faltas, cartões, etc). Desses sessenta minutos, em uma partida equilibrada, cada equipe terá a posse de bola por aproximadamente trinta minutos e cada jogador terá a média de três minutos de posse de bola. No resto do tempo, terá de trabalhar duro para evitar que o adversário jogue com efetividade e, da mesma forma, trabalhará muito (se movimentará) para facilitar o rendimento dos seus companheiros de equipe. Nesse nível, o futebol é um jogo de decisões. É um jogo em que cada detalhe é importante. O jogador deve se movimentar e pensar rápido, avaliando o essencial do não essencial, compreendendo e utilizando os fatores básicos para o sucesso. Johann Cruyff dizia o seguinte: "Jogo três minutos para mim e o resto do tempo para minha equipe."

No ataque e na defesa, o domínio da técnica é fundamental. É importante que todos os jogadores pratiquem todo tipo de variedade técnica. Num jogo competitivo e de alto nível, o jogador deve aprimorar aquilo que faz bem e minimizar suas deficiências.

Não há dúvida que o jogo do futuro vai exigir jogadores de grande habilidade técnica em todas as posições, e esta foi uma das principais características da Copa de 74 – o desenvolvimento da técnica de alto nível sem prejudicar a capacidade de trabalho. Sem dúvida, a luta para não conceder tempo e espaço aos atacantes vai continuar.

Estratégias e Princípios Básicos do Jogo

Conceitos Básicos de Estratégia

De um modo geral, estratégia é a maneira como a equipe se prepara para o jogo: como irá jogar e como enfrentará o adversário. Implementá-la envolve implicações acerca do comportamento tático e da habilidade individual e coletiva da equipe, além de determinar os objetivos gerais e os recursos a serem utilizados para alcançar as metas estabelecidas.

O objetivo principal de uma equipe é buscar a vitória. Nem sempre é fácil, porque o adversário tem os mesmos objetivos. Devemos procurar impor nossa força, mas também neutralizar as virtudes do adversário.

Alguns esportes e também o futebol podem ser comparados a uma batalha. O jogo (a luta) se desenvolve entre certos limites (sistemas de jogo). Além destes, se apresentam muitos outros problemas e detalhes que serão resolvidos com procedimentos racionais (tática) a fim de que se possa alcançar as metas estabelecidas.

Dentro do desenvolvimento do plano estratégico, busca-se soluções para os problemas de ordem técnica e prática, bem como para os de formação do espírito de grupo, união, disciplina e de todos os fatores



que possam contribuir para atingir o objetivo final. Tais fatores podem ser desenvolvidos por um longo período e são determinantes para o fracasso ou sucesso da equipe.

Para efeito conceitual, estabelecemos que estratégia diz respeito ao planejamento anterior à partida, enquanto tática diz respeito à aplicação dessas ações planejadas no jogo propriamente dito.

Estratégia para a Temporada

A estratégia para a temporada é o plano de campanha de uma equipe, revelando seus objetivos e os meios para alcançá-los. Ela encerra conhecimentos amplos e diversificados, considerando todos os fatores, diferentes na forma e no conteúdo, que podem ter influência na atuação da equipe.

Alguns fatores mais importantes não podem ser omitidos de nenhum jogo, como por exemplo, a escalação dos jogadores em melhor forma, regularidade, desempenho e análise dos adversários, enquanto outros podem ser considerados superficiais, mas nunca desprezados.

Os objetivos são estabelecidos de acordo com as condições (materiais, humanas e financeiras) disponíveis. É importante garantir os meios necessários à execução das ações efetivas, tais como a contratação do treinador e dos jogadores, por exemplo, a fim de preparar a programação da nova temporada.

Os fatores de treinamento mais importantes para alcançar o objetivo estratégico são o sistema de jogo e a tática. O pensamento estratégico é parte integrante da preparação tática e envolve as seguintes habilidades:

- Estudo das estratégias do esporte*
- Estudo do calendário da temporada*





- *Regulamento da competição*
- *Competência tática individual e coletiva*
- *Análise dos adversários*
- *Ambiente (local do jogo ou competição)*

Tática de jogo

A tática é composta pelas manobras individuais e coletivas usadas para derrotar os adversários, buscando alcançar assim os objetivos estratégicos. No esporte coletivo, se refere à organização defensiva e ofensiva, estando subordinada à preparação teórica, técnica, física, social e psicológica e aos planos estratégicos pré-estabelecidos.

Desenvolvimento da tática

A idéia da tática de jogo deve evidenciar o trabalho em equipe, estimulando a participação coletiva nas ações e manobras executadas, levando-se em conta a técnica e habilidade individual para selecionar quais jogadores estarão participando, como e em que momento estarão entrando em ação. Os elementos básicos de desenvolvimento da tática são:

- *Movimentações*
- *Jogadas de bola parada*
- *Prática (treinamento)*

Princípios Básicos do Jogo

Os princípios do jogo são a base de um sistema. A estratégia, plano de jogo da equipe e a tática, tentativa de resolver problemas em um jogo, variam amplamente, mas estão sempre associados aos princípios do



jogo.

Sempre que uma equipe joga bem, há certos pontos em comum que geralmente são notados – os princípios de jogo – que servem de critério de avaliação sobre os quais técnicos e jogadores podem fazer julgamentos válidos. O emprego dos princípios fundamentais do jogo pode não tornar uma equipe tecnicamente fraca numa equipe campeã, mas certamente a tornará melhor.

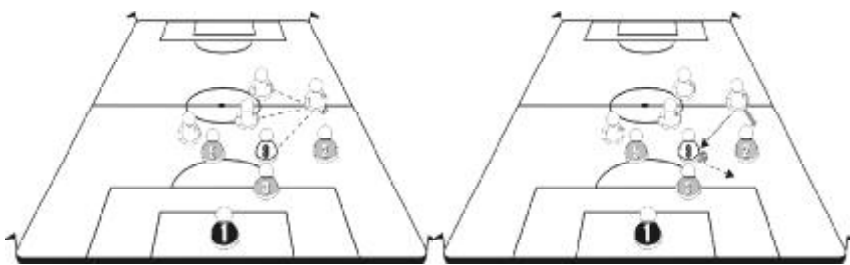
De um modo geral os princípios de ataque e defesa se complementam e têm alguns pontos em comum.

Princípios de Ataque

A posse de bola determina quem defende, quem ataca e a movimentação das equipes. Quem tem a posse de bola dita o ritmo e controla o jogo.

• Apoio

O apoio é fundamental na manutenção da posse de bola: o jogador com a posse da bola deve ter sempre a opção de companheiros em posição de apoio.



Figuras 27 e 28 – No Apoio, os companheiros devem procurar criar linhas de passe para dar opções ao jogador com posse de bola.

Quanto mais alternativas forem dadas para o jogador com posse de bola, melhor, procurando-se sempre o melhor ângulo para o passe.

Deve-se procurar, também, a superioridade numérica – ter mais gente próximo à bola do que o adversário. É importante lembrar sempre que o maior responsável pelo passe é quem recebe e não quem passa. Cabe a quem receber o passe procurar sempre a melhor colocação ou o melhor ângulo. Enfim, estar desmarcado.

• Profundidade

No ataque, é importante que a equipe tenha, pelo menos, um jogador o mais adiantado possível, utilizando a profundidade do campo. Este atacante deve sempre procurar ir para cima do último defensor e tentar levar ou empurrar a defesa para trás. A profundidade é um princípio de ataque que deve levar em conta a “lei do impedimento”.



Figura 29 – A utilização da profundidade do campo faz com que a equipe adversária recue.

• Abertura

Jogar bem aberto, utilizando os corredores laterais, cria espaços e condições para penetrações frontais e diagonais. Força, por outro lado, o oponente a se abrir também.

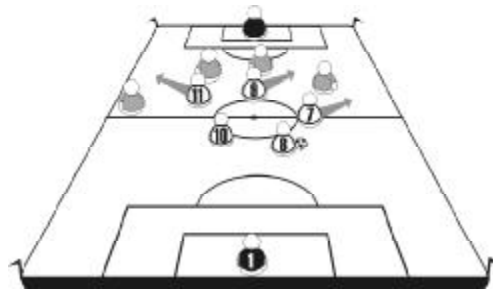


Figura 30 – A utilização da largura do campo cria espaços para a penetração de atacantes e laterais.

• Mobilidade

Ataques bem-sucedidos exigem movimentação inteligente, coordenação e timing (ritmo e sincronização). De um modo geral, o jogador que não se movimenta é facilmente marcado. Já aquele que se movimenta causa sempre enormes dificuldades para a defesa adversária e para o seu marcador direto, que é obrigado a se preocupar em manter controle sobre o atacante e a bola. A movimentação do atacante sempre traz vantagens: se for acompanhado, o atacante abre espaços; se não for acompanhado, ele recebe livre. Deve-se utilizar todo tipo de movimentação: corrida em diagonal, ultrapassagem por trás da defesa, fintas sem bola, mudanças de direção e de ritmo etc. O objetivo é desorganizar a defesa contrária.

• Penetração

O conceito de penetração é claro: utilizar infiltrações de um jogador entre os espaços existentes na defesa adversária. Envolve, também, receber a bola nas costas do oponente, isto é, atacar nos espaços atrás dos defensores. É importante, para que se concretize a penetração, que os jogadores saibam usar os espaços criados. Ela pode ser conseguida através de uma jogada individual, um drible, uma tabela, uma ultrapassagem ou uma combinação de passes curtos e longos.



Figura 31 – A penetração caracteriza-se pela utilização dos espaços por trás da defesa adversária.

• Criatividade, Improvisação, Habilidade

No futebol de alto nível nota-se claramente que as equipes vencedoras encontram um equilíbrio entre as jogadas treinadas e as de criatividade e espontâneas. Quando se tem jogadores criativos e habilidosos – e que tomam decisões – os gols acontecem com mais frequência.

Sistemas defensivos são feitos para enfrentar o previsível. Nenhum deles está preparado para lidar com o inesperado (criatividade), especialmente se vier junto com a habilidade técnica e velocidade de raciocínio (decisões rápidas). No campo, são os jogadores que tomam as decisões. Os princípios de ataque são apenas ferramentas que eles devem aprender como e quando usar.

Tal princípio de ataque constitui-se, fundamentalmente, de mudanças de atitude e ações para ludibriar os adversários, buscando o inesperado e o incomum através de todos os recursos técnicos de seus jogadores.

Princípios de Defesa

• Pressão na bola

Um dos princípios de defesa mais importantes. Encostar rápido no adversário para evitar que saia a jogada ou que a bola seja passada



adiante, ganhando-se tempo para reorganizar a equipe defensivamente.

A idéia básica é diminuir o tempo e o espaço dos adversários, impedindo-os de jogar ou, pelo menos, retardando a organização do ataque.

Ela começa assim que a bola é perdida, e o objetivo é só um: recuperar posse de bola, impedindo que o adversário jogue, faça um passe para frente ou organize um contra-ataque. A pressão deve continuar até que a bola seja recuperada.

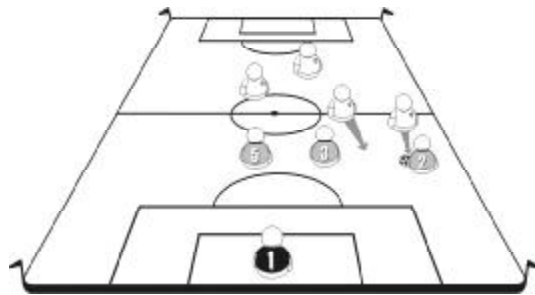


Figura 32 – Encostando rápido no adversário com a bola, retarda-se a organização do ataque.

• Recuperação

Assim que se perde a posse de bola, todos os jogadores devem reassumir (recuperar) o posicionamento defensivo, procurando se posicionar atrás da linha da bola e do oponente, aproximando-se para fazer a linha de cobertura.

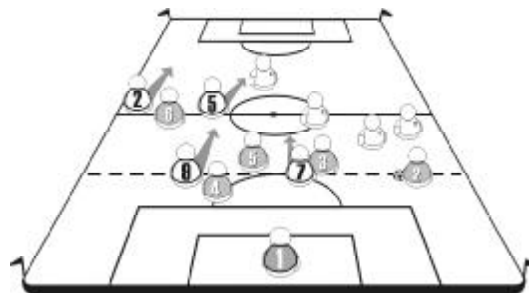


Figura 33 – A pressão na bola permite o retorno (recuperação) e a organização defensiva, de maneira que todos os jogadores fiquem atrás da linha da bola.

O objetivo é ter toda a equipe posicionada entre a bola e a linha de gol, cobrindo os espaços atrás dos companheiros envolvidos na jogada. Este princípio de defesa está diretamente ligado ao retardamento, pois o jogador mais próximo sai para dar o combate ao adversário que está com a posse da bola, dando tempo para que seus companheiros reassumam suas posições.

• Cobertura

Cobertura é o posicionamento de prontidão para ajuda ao companheiro envolvido na jogada, em que se divide a atenção entre a bola e o oponente, criando uma linha imaginária e de referência, que vai da bola ao meio do gol.



Figura 34 – A cobertura é um princípio básico de defesa.



O jogador realizando a cobertura deve sempre se aproximar do companheiro envolvido na jogada e nunca se posicionar na mesma linha deste, mas sempre em diagonal para que os dois não sejam batidos em uma mesma jogada.

- Equilíbrio

Na defesa, devemos procurar sempre ter vantagem numérica em todas as zonas do campo. Se todos os jogadores apertarem efetivamente na marcação (retardamento) fica mais fácil efetuar a cobertura e, conseqüentemente, manter o equilíbrio.



Figura 35 – Vantagem numérica nas zonas do campo.

- Compactação/Concentração

É a formação que visa manter a equipe compactada em suas linhas (defesa, meio de campo e ataque) jogando como um bloco e não deixando espaços para o adversário.



Figura 36 – Concentração no lado da jogada e aproximação dos setores

Como acontecem os gols

Para alguns a resposta é bem simples: erros.

Existem, de fato, cinco fatores fundamentais para que ocorram os gols. Na maioria das vezes, a conjugação de dois ou mais destes fatores é a causa do sucesso do ataque.

- Falta de pressão no homem com a bola – O defensor dá muito espaço ao jogador com a bola, ficando muito afastado e permitindo que ele execute um passe, lançamento ou chute a gol sem nenhuma pressão. É, sem dúvida, o maior responsável pela ocorrência de gols.
- Falta de cobertura – É a ausência ou falta de ação do jogador que faz o apoio defensivo dando cobertura. Quando a cobertura se faz presente, duas premissas ocorrem: o jogador da cobertura estará pronto para intervir se o companheiro for driblado, ou dará a necessária confiança para o companheiro partir para o combate direto sem medo.
- Penetrações em diagonal e nos espaços livres, principalmente nas costas da defesa – É importante acompanhar os atacantes nas corridas e penetrações e impedir que estes recebam a bola livre nas costas dos defensores, mantendo-os sempre no seu campo de visão.



• Perda da bola (rebatidas) – Muito mais do que se possa imaginar, diversos gols são marcados pela perda da bola e rebatidas erradas. Chamamos isso de descuido, erro ou falta de atenção. O adversário é presenteado com uma excelente oportunidade de gol, especialmente se a perda de bola acontecer no setor defensivo.

• Jogadas de bola parada – São os gols marcados em escanteios, faltas e arremessos laterais. Quase 40% dos gols em futebol são marcados nessas jogadas que oportunizam momentos no jogo em que não se pode pressionar o homem com a bola. No futebol moderno, as bolas paradas são excelentes oportunidades de se chegar ao gol, pois possibilitam a execução de jogadas pré-determinadas (treinadas).

É importante ficar atento às estatísticas e treinar as jogadas de bola parada, tanto na defesa quanto no ataque.

Como evitar os gols

Os jogadores da linha de defesa, ou da última linha, não são os únicos que têm a obrigação de defender. Assim que a posse de bola é perdida, é obrigação de toda a equipe tentar recuperá-la, defendendo-se inteligentemente.

O segredo e o objetivo de se defender no meio-campo é evitar que o adversário avance com a bola ou faça um passe para frente. Se conseguirmos forçá-los a jogar lateralmente, haverá mais chances de interceptar a jogada. E quanto mais passes ou jogadas laterais eles forem obrigados a fazer, maiores serão as chances de retomar a bola ou parar a jogada.

É difícil tomar esta bola no meio-campo numa situação de 1 contra 1. Portanto, é importante que numa ação coordenada e coletiva todos apertem, diminuindo o espaço dos adversários.



Se não for possível na primeira tentativa e o adversário conseguir ultrapassar o bloqueio, é preciso que os homens de meio-campo retornem rápido e encostem na marcação. É necessário boa condição física, determinação e coordenação (saber que espaço ocupar e a quem marcar).

O meio-campo considerado ideal, formado por quatro jogadores, seria aquele que tivesse numa posição central um jogador com as qualidades de um bom atacante e um outro formando a dupla com boas qualidades defensivas, além de outros dois jogando mais abertos e que saibam defender e atacar. Um dos quatro terá a responsabilidade de ser o que ficará mais preso em seu campo, sendo responsável pela marcação, exclusivamente.

É a marcação que visa diminuir o tempo e o espaço que um jogador tem para realizar uma jogada, ou seja, executar um passe, um controle, um drible ou um chute.

Para ser eficiente na marcação, o jogador tem que estar posicionado de frente para a jogada entre a linha do gol e o adversário e a uma distância de não mais do que dois metros. Ele deve manter sempre em mente que seu objetivo é impedir que o adversário faça um passe adiante ou progrida com a bola. O momento vital em que a marcação deve começar é assim que a posse de bola é perdida. Todos os jogadores devem estar preparados imediatamente para defender e trabalhar duro para recuperar a posse de bola.

É importante que toda a equipe, incluindo os atacantes, ao terminar uma jogada não se desconcentre e não dê tempo e espaço aos adversários. É nesse momento, quando a bola troca de lado (posse) que alguns jogadores perdem a atenção no jogo, sendo esta falta de concentração, a causa principal dos erros.



Sistemas Básicos de Marcação

Existem dois sistemas básicos de marcação com relação ao adversário: Zona e Individual.

1. Marcação por Zona

A marcação por zona no futebol utiliza-se de quatro jogadores em linha na defesa e normalmente, quatro no meio-campo.

Cada jogador será responsável por um setor (zona), marcando quem penetrar neste setor. Se o oponente se desloca de uma zona para outra, o responsável passa a ser o outro companheiro. Neste momento a comunicação entre os atletas é essencial. Todos os jogadores devem dar cobertura uns aos outros e moverem-se, sempre juntos, coordenadamente para o lado da jogada – neste tipo de marcação – marca-se a bola e o homem dentro da zona.

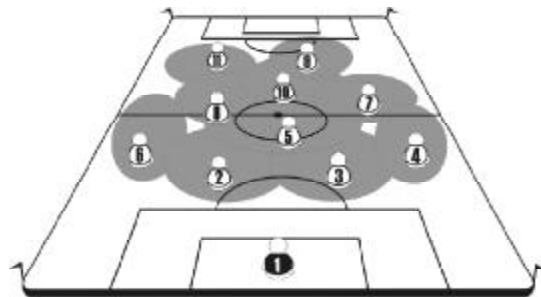


Figura 37 – Cada jogador é responsável por uma zona ou setor.

Na marcação por zona, é necessário ter paciência, porque se um defensor que dá combate é batido na jogada, pode-se comprometer ou abrir espaços em toda a defesa. Por isso os jogadores devem se manter sempre na posição de espera, aguardando o momento para dar o “bote”.

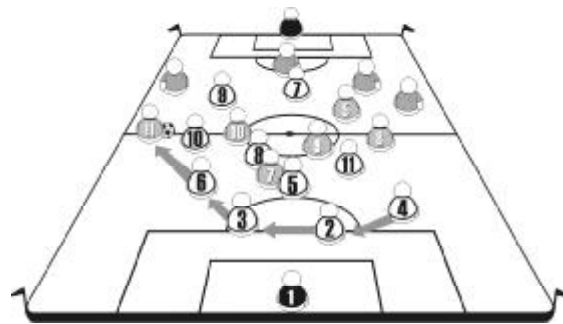


Figura 38 – Cobertura coordenada.

2. Marcação Individual

É o contrário da marcação por zona. Ao invés da bola, marca-se o homem, seguindo-o por todas as partes.

Os homens de meio-campo têm que estar atentos e prontos para se posicionarem sempre de frente para a bola. A defesa pode ser levada a perder a sua organização por atacantes que se movimentem muito e com inteligência.



Figura 39 – Marcando o adversário por todo campo.

Uma das fraquezas do sistema é que os defensores podem facilmente ser levados (arrastados) de suas posições por atacantes que estejam dispostos a se movimentarem sem bola.



O Líbero

O líbero é o ponto-de-equilíbrio. Ele dá equilíbrio e segurança aos defensores de saírem para acompanhar a marcação.

Utilizado atrás dos marcadores, ele é encarregado de fazer as coberturas, interceptar jogadas, lendo o jogo e marcando quem entra livre.

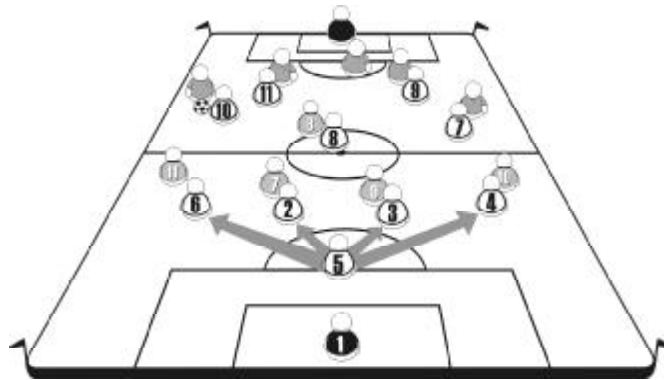


Figura 40 – Cobertura do Líbero.

Numa concepção moderna do futebol, o líbero pode aparecer em várias situações do jogo espalhadas pelos quatro cantos do campo. O líbero clássico, no entanto, é um jogador que se sobressai pela inteligência e qualidade técnica para o jogo defensivo e ofensivo. Franz Backenbauer foi um ótimo exemplo que o futebol mostrou.



Figura 41 – O libero pode também ser o elemento surpresa no ataque.

Embora contestado por alguns, o libero é muito utilizado no Brasil, mas com características, às vezes, diferentes do modelo consagrado. As necessidades defensivas do jogo fazem com que nossos volantes, constantemente, exerçam as mesmas funções do libero europeu. Esta composição é muito vista no sistema 4-4-2 e é, por muitas vezes, a responsável pela armação das jogadas e pelo poder ofensivo das equipes.



Futebol Atual

Sistemas Flexíveis

Durante a Copa de 2002, algumas seleções utilizaram sua organização tática para enfatizar uma filosofia positiva de jogo, enquanto outras se concentraram na compactação coletiva, de modo a não dar espaços ao adversário. Aproximadamente uma dúzia de sistemas foi utilizada, mas todos poderiam ser agrupados em duas categorias: baseados no convencional 4-4-2 e aqueles que seguiram o tradicional 3-5-2.

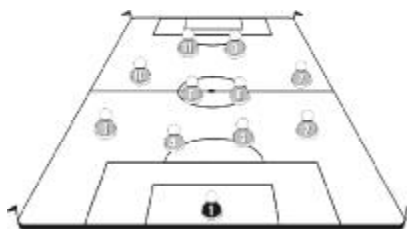


Figura 42 – Sistema 4-4-2.



Figura 43 – Sistema 3-5-2.

Vinte e quatro seleções escolheram a primeira hipótese e, oito destas, jogaram com duas linhas de quatro jogadores mais dois atacantes. Mas deve-se enfatizar que muitas das equipes modificavam seus



sistemas durante as partidas por razões táticas, enquanto outras por necessidades adversas.

Algumas utilizaram o 4-4-2 defendendo com 5-4-1, ou modificando seu posicionamento quando a partida demandava uma abordagem menos arriscada. Em outras formações, foram empregadas variações do 4-4-2, a exemplo de Espanha (4-4-1-1), Rússia (4-5-1) e Senegal (4-3-2-1). Surgiu novamente na Copa de 2002 um esquema utilizado durante a Euro 2000 que consistia de uma linha de quatro defensores, dois meio-campistas centrais (numa perspectiva defensiva) e um ataque em “diamante” (um centro-avante, dois atacantes abertos e um meia de criação posicionado entre o meio-campo e o ataque).

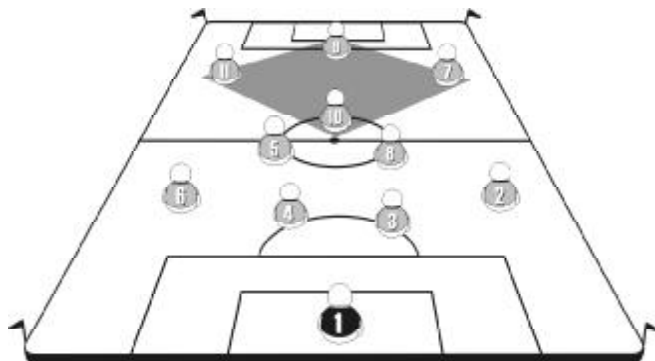


Figura 44 – A formação do ataque em “diamante”.

A Argentina se utilizou desta formação em “diamante”, mas seu técnico, Marcelo Bielsa, optou em jogar com linhas de três homens, produzindo uma variação que poderia ser interpretada como 3-3-3-1.

Já a Alemanha, a Costa Rica e Camarões, adotaram na sua organização tática o “testado” 3-5-2 e, outras oito seleções, variaram sobre este sistema. O Brasil, por exemplo, empregou uma formação orientada para o ataque (3-4-2-1), na qual quatro jogadores poderiam ser qualificados com funções defensivas (três defensores mais o Gilberto

Silva no meio-campo), Ronaldo foi a referência no ataque, habilmente apoiado por uma linha composta por Rivaldo e Ronaldinho Gaúcho e pelos meia e ala, Juninho (depois Kleberson) e Roberto Carlos, respectivamente.

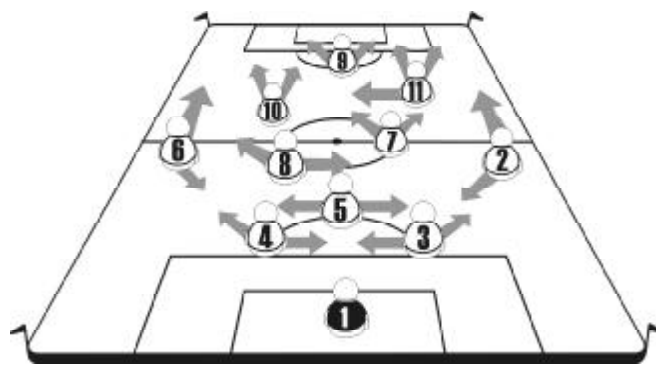


Figura 45 – A formação brasileira em 2002.

Os técnicos da Coréia, da Eslovênia e da Turquia, optaram por um perfil similar ao brasileiro, enquanto japoneses e mexicanos utilizaram a formação 3-4-1-2 com os dois atacantes tradicionais.

Várias tendências relativas à organização tática das equipes foram observadas durante a competição. Embora uma pequena maioria tenha escolhido o uso de dois atacantes, a utilização de um “homem-alvo”, ou de um pivô no ataque, também foi bastante comum.

As equipes claramente definidas com um atacante exploraram os espaços com a aproximação de meio-campistas velozes, utilizando jogadas rápidas ou contra-ataques, onde ultrapassagens e movimentações de jogadores vindos de trás foram bastante comuns.

Com muitas seleções usando fortes meio-campistas centrais como uma parede defensiva, a criação das jogadas iniciou-se várias vezes pelas extremas, ou entre o meio-campo e o ataque. Independente da



posição de início, estes “criadores de jogadas” ditaram o ritmo e o andamento das partidas e durante a competição tiveram grande influência sobre o destino de sua equipe.

Durante a última Copa do Mundo, Alemanha, Irlanda e África do Sul mantiveram-se leais aos seus sistemas. Coréia, Argentina e Senegal adotaram um padrão desenhado e determinado por seu técnico. Brasil, França e Japão basearam sua organização tática em jogadores chaves, enquanto Croácia e Inglaterra modificaram sua organização de acordo com a situação tática específica de cada jogo.

Conclusão

A história do futebol nos faz refletir sobre as mudanças táticas ao longo dos anos. De uma maneira geral, toda ação ofensiva provocou uma resposta defensiva na tentativa de neutralizá-la. Para cada alteração surgiu uma reação buscando sempre contrapor ou sobrepor a mudança anterior, gerando a evolução do esporte até os dias de hoje.

A preocupação com os fatores que possam influenciar a performance da equipe, deve ser uma constante, iniciando-se na fase de planejamento e continuando num esforço ininterrupto até o fim da temporada. Este cuidado deve ser tomado principalmente na observação dos adversários e de sua própria equipe, para que os pontos fracos e fortes sejam explorados na elaboração e execução das manobras táticas ofensivas e defensivas, além das jogadas de bola parada.

Os jogadores devem estar sendo orientados constantemente a observar e compreender todos os princípios do jogo, principalmente aqueles que se referem à sua função, executando-os nos treinamentos e nas partidas.

Atualmente devido ao tempo cada vez mais curto, a busca pela



qualidade e pela intensidade durante as sessões de treino irá permitir uma racionalização mais adequada, sendo respeitados os períodos de recuperação, e gerará uma melhor performance em campo.

Mas uma pergunta sempre vai estar na mente de qualquer técnico no mundo: deve o sistema se adequar aos jogadores ou os jogadores é que devem se adequar ao sistema?



Bibliografia Recomendada

- COOK, M. *Soccer Coaching and Team Management*. Wakefield: E. P. Publishing Ltd., 1982.
- CSANADI, A. *Soccer*. Budapest: Corvina Press, 1965.
- DRUBSKY, R. *O Universo Tático do Futebol – Escola Brasileira*. Belo Horizonte: Editora Health, 2003.
- FIFA, TECHNICAL STUDY GROUP. *Statistics and Reports 2002 FIFA World Cup Korea/Japan: Technical and Tactical Analysis*. Frauenfeld: Huber Druck AG, 2002.
- HEDDERGOTT, K. *New Football Manual*. Frankfurt: Limpert, 1976.
- HOWE, D. e SCOVELL, B. *The Handbook of Soccer*. Londres: Pelham Books, 1988.
- HUGHES, C. *Soccer Tactics and Teamwork*. Wakefield: E. P. Publishing Ltd., 1973.
- RAILO, W. *Willing to Win*. Amas Export, 1986.
- RETHACKER, J. *Joies du Football*. Librairie Hachette, 1976.



SANTOS, E. *Caderno Técnico-Didático: Futebol*. Brasília: MEC, 1979.

SEXTON, D. *Tackle Soccer*. Londres: Stanley Paul, 1981.

SMITH, M. *Success in Football*. Londres: John Murray, 1983.

SMITH, S. e BATTY, E. *International Coaching Book*. Londres: Souvenir Press, 1966.

WADE, A. *Soccer Strategies*. Londres: Heinmann Kingswood, 1988.

Sites Recomendados

FIFA – www.fifa.com

Conmebol – www.conmebol.com

CBF – www.cbfnews.com.br

UEFA – www.uefa.com